

transparente. Que disciplina, que precisão de pensamento era expresso nesse perfeito corpo rijo e juvenil! A severa e pura vontade porém, que em ação obscura, conseguira trazer à luz esta obra divina, — não era conhecida e familiar a êle o artista? Não obrava também dentro dêle quando cheio de sóbria paixão, libertava das massas marmóreas da língua a esguia forma que divisara no espírito e que apresentava aos homens como estátua e espelho de beleza espiritual?

Estátua e espelho! Seus olhos envolveram a nobre figura à beira do azul e, em êxtase entusiasta, êle acreditou, com êsse olhar, compreender o belo em si, a forma como pensamento divino, a única e pura perfeição que vive no espírito e da qual uma imagem e alegoria humana aqui estava erguida, leve e graciosa, para adoração. Isto era a embriaguez; e sem hesitação, avaro mesmo, o artista envelhecido recebeu-a calorosamente. Seu cérebro girava, sua cultura entrou em efervescência, sua mente levantou pensamentos transmitidos desde sua juventude e que até então não tinham sido avivadas pelo próprio fogo. Não estava escrito que o sol desviava nossa atenção do intelectual para coisas sensuais? Dizem que êle atordoa e encanta o intellecto e a memória de tal maneira, que a alma, de alegria, esquece completamente sua verdadeira condição e, com espantada admiração, fica prêsna no mais belo dos objetos banhados pelo sol: e só com o auxílio de um corpo ela consegue elevar-se para uma contemplação ainda mais alta. Cupido, deveras, imi-

tou os matemáticos, os quais apresentam às crianças incapazes figuras concretas de formas puras. Assim também o deus, para nos fazer visível o espiritual, gostava de servir-se do corpo e das côres da juventude humana, que, como instrumento de lembrança, enfeitava com todo o reflexo da beleza e, na contemplação dela, nós certamente nos incendiávamos em dor e esperança.

Assim pensava o entusiasmado; assim era capaz de sentir. E, do êxtase do mar e do brilho do sol formou-se no seu íntimo um lindo quadro. Era o velho plátano perto dos muros de Atenas, — era aquêle sagrado sombreado lugar, cheio do perfume das flores do agnocasto, enfeitado por ex-votos e dádivas piedosas em homenagem às ninfas e ao Aquelôo. Completamente límpido, o rio caía aos pés da árvore de hastes largas, sôbre calhaus lisos; as cigarras cantavam. Mas, sôbre o gramado, que tinha uma inclinação ligeira de modo a poder a cabeça ficar mais alta ao deitar, estavam estendidas duas pessoas, abrigadas do calor do dia: um idoso e um jovem, um feio e um belo, o sábio ao lado do gentil. E, com cortezias e angariantes gracejos espirituais, Sócrates esclarecia Fédon sôbre o anseio e a virtude. Falava-lhe sôbre o susto ardente que o sensível sofre quando seus olhos vêm uma alegoria da beleza eterna; falava dos desejos do ignóbil e mau que não pode pensar na beleza quando vê sua imagem, e não é capaz de veneração; falava do mêdo sagrado que domina o nobre, quando lhe aparece um rosto divino, um corpo perfeito, co-